

# VOZ DA FÁTIMA

## AVE, MARIA!

Director e Proprietário  
Dr. Manuel Marques dos Santos

Empresa Editora  
«União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Administrador  
F. António dos Reis

Redacção e Administração  
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

### Crónica de Fátima

(13 de Janeiro)

Dia lindo e encantador, de céu azul e sem nuvens e de sol brilhante, foi o dia 13 de Janeiro, no planalto sagrado da Serra de Aire, onde a Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira dos portugueses, se dignou levantar o santuário mais belo e de maior devoção a ela consagrado em terras de Santa Maria.

Apenas de manhã, antes e depois do aparecimento do astro-rei, soprou um vento frio, bastante desagradável, que fazia lembrar aos piedososromeiros que a peregrinação a Fátima é e será sempre, particularmente nos meses de Inverno, um acto de verdadeira penitência.

Os peregrinos, como costuma suceder nesta quadra do ano, a mais rigorosa de todas, eram pouco numerosos, não indo além dumas escassas centenas. Desde as primeiras horas da manhã, enquanto alguns sacerdotes celebravam o Santo Sacrifício da Missa nos altares da igreja da Penitenciaría, outros ouviam de confissão os fiéis que, depois de purificados com a absolvição sacramental, satisfaziam a sua devoção, orando, assistindo às Missas e recebendo o Pão dos Anjos com sentimentos de viva e edificante piedade.

Ao meio-dia, recitou-se em comum o têrço do Rosário, na santa capela das aparições.

Depois da primeira procissão, celebrou a missa dos doentes o rev.º dr. José Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria.

Ao Evangelho, o celebrante subiu ao púlpito e pregou, durante cerca de vinte minutos, sobre a Sagrada Família, cuja festa, que ocorrerá no dia anterior, primeiro Domingo depois da festa da Epifania, era, por assim dizer, destinada a encerrar o ciclo litúrgico das solenidades do Santo Natal.

Na sua breve mas substancial alocução, o rev.º dr. Galamba de Oliveira tratou da importância da família, da necessidade de uma preparação conscienciosa para o matrimónio, da Santa Família de Nazaré como modelo da família cristã e dos esforços do demónio para dissolver ou deformar o ideal cristão da família, concluindo por frisar a gravidade da limitação criminosa do número de filhos.

No fim da Missa, foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Seguiu-se a segunda procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima, terminando os actos oficiais do dia treze pela tocante cerimónia do «Adeus à Virgem», na capela comemorativa das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Visconde de Montelo

### MANUAL DO PEREGRINO DE FATIMA

Apareceu a 4.ª edição do MANUAL DO PEREGRINO DE FATIMA que conta, nas 4 edições, a tiragem de 40.000 exemplares.

Este livrinho que se apresenta com um aspecto novo, encerra, além de uma história resumida do Santuário de Fátima, todas as indicações relativas às peregrinações e peregrinos, modo de fazer a viagem, hotéis, etc., bibliografia, um verdadeiro devocionário e cânticos com músicas.

Tem 192 páginas e custa apenas 3 escudos.

Para os revendedores e directores de peregrinações faz-se ainda abatimento apesar da modicidade do preço.

Pedidos ao Santuário, Câmara eclesiástica de Leiria, ou União Gráfica (R. de Santa Marta, 158 — Lisboa).

### N.ª Senhora de Fátima em Macau

É com santo entusiasmo e com uma religiosa emoção que todos os anos Macau em peso celebra com pompa extraordinária os grandiosos festejos em honra de Nossa Senhora de Fátima.

O centro do culto de Nossa Senhora de Fátima em Macau encontra-se na Igreja de S. Domingos. E se em Portugal e Senhora de Fátima é um polo magnético em volta do qual gravitam milhões de corações, sedentos de luz e de vida, também em Macau, que é a Fátima em miniatura, a mesma Senhora é um ímã poderoso a atrair as almas para o Céu.

Na verdade, quando eu contemplo embevecido as multidões que todos os anos acorrem numerosas à Igreja de S. Domingos, quando eu vejo essas multidões abelhar-se reverentes da Sagrada Mesa da Comunhão, quando eu noto o extraordinário esplendor, a devoção e santa emulação de que se revestem os católicos de Macau por ocasião dos festejos em honra da Senhora de Fátima, quando ante meus olhos se desenrola o imponente espectáculo e o quadro arrebatador de milhares de homens que, de vela na mão vão todos os anos em piedosa romaria à Igreja da Penha, quando aos meus ouvidos ressoam essas orações ferventes de fé, esses cânticos maviosos e esses hinos entusiastas que irrompem de milhares de peitos em honra da Senhora de Fátima, em honra da Mãe de Deus e Mãe nossa, em honra da Padroeira dos portugueses, então eu sinto que os meus olhos se arrazam de lágrimas de comção e, no íntimo do meu coração, eu exclamo enternecido: «Sim! Ó Senhora de Fátima, enquanto houver portugueses tu serás o seu amor.»

Olhai para ela!... Percorri todo este Oriente, e vê-la-eis surgir nas terras amenas de Singapura, vê-la-eis levantar-se nas planícies misteriosas da China, vê-la-eis erguer-se alta e bela na Igreja de Santa Teresa a abençoar os portugueses de Kow-Loon e Hong-Kong e sempre cada vez mais esbelta e gloriosa, cada vez mais sublime e engrandecida.

É que em toda a parte onde pulsa um coração português, a toda a parte onde chegam os nossos missionários, em toda a parte onde se ouvem os maviosos acordes da língua de Camões, a Senhora de Fátima ali tem um santuário. Não digo bem! A Senhora de Fátima é já hoje internacional; ela anda já na alma e no coração de todos os povos e onde Portugal não logrou estender a sua soberania, estendeu a Senhora de Fátima o seu manto de rainha, estendeu o manto real da sua protecção.

A Senhora de Fátima rasgou e transpôs as fronteiras de Portugal e das suas colónias e hoje, do mundo inteiro, eleva-se um coro grandioso, um hino impetuoso e universal em honra desta soberana Senhora que deseja salvar Portugal que anseia salvar o mundo inteiro, que quer implantar de novo o reino da paz nesta terra mesquinha retalhada de ódios profundos de irmão contra irmão.

Assim, a voz do povo responde à voz do céu. Em Macau, mais talvez do que em qualquer outra parte fora de Fátima, esta devoção lançou raízes profundas.

Percorrendo eu por ocasião da Bênção das casas, todas as salas e quartos das habitações dos meus parquianos, fiquei santamente edificadíssimo ao presenciar que era para a habitação que no seu oratório não tivesse instalada em lugar bem central e bem patente, uma estátua ou ao menos uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Eis, pois, Macau constituído o centro e o foco de Nossa Senhora de Fátima em todo o Extremo-Oriente.

E quando, por sobre as ruínas de S. Paulo, se erguer em toda a sua envergadura arquitectónica, rasgando as nuvens e desfraldando-se em pleno céu, a grandiosa Basílica de Nossa Senhora de Fátima que lá se intenta construir, então a Roma do Extremo-Oriente assistirá, talvez, ao dia do seu maior triunfo.

No entanto, a Senhora de Fátima tem já uma Basílica em cada coração dos filhos deste bom povo de Macau, cujas cordas mais íntimas vibram em harmonias afetuosas só ao pronunciar o nome da Senhora de Fátima. Sim, ó Virgem, enquanto houver portugueses, enquanto

### COISAS QUE EU PENSO

Em poucas semanas deram-se no país dois acontecimentos muito próprios para nos fazerem pensar: a publicação duma carta e a morte dum homem.

Pois pensemos nesses dois acontecimentos.

A carta não foi uma carta particular, evidentemente. Foi a carta Pastoral do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa dirigida aos fiéis do Patriarcado, a respeito da falta de clero. A morte foi a de um grande escritor, vítima de um desastre de automóvel dias depois de se ter convertido.

A carta de Sua Eminência não interessa apenas aos fiéis do Patriarcado, interessa a todo o país, porque é no Patriarcado que está a capital, e se por fal-

ta família para Inglaterra, porque já lhe roubaram e mataram um filhinho e estava recebendo ameaças de lhe roubar outro.

Estes monstros ordinariamente não se formam nos pequenos meios provincianos, onde a religião exerce melhor a sua influência: criam-se nos grandes centros, onde grandes massas vivem paganzadas e sujeitas à propagação de ideias perversas.

Por isso a carta de Sua Eminência impressionou profundamente o país todo. Publicaram-na todos os grandes jornais, mesmo não católicos, e donatários do sr. Patriarca para sustentação de mais seminaristas, para haver mais sacerdotes amanhã, têm sido enviados mesmo de fora do Patriarcado, por

Mas é, felizmente, o contrário o que se dá. Os padres são poucos agora para um número maior de fiéis e de fiéis que por terem uma vida religiosa mais intensa dão mais que fazer ao clero e porque é preciso conquistar os abandonados.

Há falta de clero, porque em volta de Lisboa, e por todo o Patriarcado, há também esse renascimento religioso que se nota por todo o país, estão-se restaurando igrejas, voltou o culto a muitas que estiveram abandonadas dezenas de anos, há organizações católicas, de operários, de estudantes, cursos, obras emfim, que exigem também clero assistente. E entrar em certas igrejas mesmo da capital e ver como são hoje muito



3 imagens de Nossa Senhora de Fátima — todas benzidas pelo Senhor Bispo de Leiria e tocadas da do Santuário.

A primeira de 1.ª30 foi encomendada pelo Rev. Pfarrer Karl Ehrler e foi exposta à veneração na igreja de Commersdorf (Baden), na Alemanha;

A segunda de 1.ª25 foi encomendada pelo Rev. Pfarrer Joseph Fritsch e está exposta à veneração na igreja de Untergriesbach bei Passau, na Alemanha;

A terceira de 1.ª40 foi encomendada pelo Rev. Katechet Johann Plawinck e está exposta em Tlumacz — Stanislaw — Polónia.

tá de clero se não acode à des-cristianização, que em longos anos se foi fazendo, das massas populares em Lisboa e arredores, essas populações continuaram a ser, e serão cada vez mais, fácil presa de aventureiros, que as atrairão para desordens funestas a toda a nação.

Ponhamos os olhos no que se passa na América. Publicou-se há pouco o anuário católico, que mostra como a religião progride na grande República dos Estados Unidos; mas ao mesmo tempo reconhece-se que mais de 50 por cento dos seus habitantes, entregues à febre dos negócios, não pratica religião nenhuma; da outra gente, há a grande massa católica em frente do qual de 200 seitas, algumas bem extravagantes, em que se dividiu o protestantismo. Talvez não haja nação nenhuma onde a vida grande parte da população viva sem religião; e também talvez não haja nenhuma outra nação onde o crime esteja tão bem organizado. Nos grandes centros, onde a falta de religião é mais sensível, existem verdadeiras organizações de bandidos, que assaltam em pleno dia, bancos para roubar dinheiro e casas para roubar crianças obrigando os pais a pagar para as resgatarem. Não há muitas semanas que toda a imprensa americana disse que era uma vergonha nacional que o grande aviador Lindbergh se tenha visto obrigado a fugir com

muita gente que compreende, que se é triste ver pela província a estarse de clero, com os seus maus efeitos, o perigo para todo o país é maior em Lisboa, pois é ali que se aglomeram grandes massas operárias, que até há pouco viviam abandonadas.

E é precisamente porquê da carta do sr. Patriarca se pode tirar uma conclusão errada, que eu quero aqui fazer pensar nela os trezentos mil leitores da Voz da Fátima. Houve gente que discorreu assim: — Se o Senhor Patriarca levanta a voz para bradar aos fiéis que há falta de clero no Patriarcado, então como se compreende que os jornais católicos nos estejam sempre a falar do renascimento religioso que se nota em todo o país? Se Sua Eminência chega a dizer que a formação de clero abundante é uma questão de vida e de morte para a religião no Patriarcado, parece que vem dar motivo de alegria àquele político de há 25 anos, que anunciava a morte do catolicismo em Portugal em duas ou três gerações! Ao fim de uma já se solta um tal sinal de alarme!

É uma conclusão errada, felizmente! Em primeiro lugar, Portugal não é o Patriarcado e se a religião tendesse a desaparecer no Patriarcado, não se poderia concluir que desapareceria em todo o país.

E depois, precisamente porque a vida religiosa vem sendo cada vez mais intensa em Lisboa e no Patriarcado, é que a falta de clero é mais sensível agora que há 25 anos. Se com a mudança de regime tivesse diminuído, como diminuiu (e também por outras causas) o recrutamento de clero, mas ao mesmo tempo tivesse diminuído também o número de fiéis, é claro que a falta de sacerdotes não seria tão sensível! Menos fiéis precisariam de menos padres!

mais frequentadas do que há 25 anos e como é insuficiente o clero para atender às necessidades da massa crescida dos fiéis.

As palavras de Sua Eminência são exactas: por motivos vários rarearam as filas do clero, são precisos meios para cultivar mais vocações, porque sem clero esse renascimento, onde se está dando, encontraria dificuldades, e porque nas paróquias sem padres iria continuando a delinhar a vida religiosa que ainda subsiste e aspira a desenvolver-se.

Não! O renascimento religioso é um facto. São cada vez mais numerosos os espiritos que no meio das angústias actuais do mundo se voltam para Jesus Cristo. E Cristo conquista almas em todas as camadas sociais, desde as alturas do pensamento, como esse professor da Universidade do Porto, Leonardo Coimbra, que terminou a sua conversão na véspera do Natal passado e depois morreu no desastre de automóvel, até esses operários e camponeses que em Lisboa e arredores já estão entrando nas nossas organizações e frequentando igrejas reabertas.

Causou grande impressão a morte desse convertido, poucos dias depois da sua conversão total, depois de ter caminhado longos anos para Deus, através duma intensa batalha interior consigo mesmo. Era um dos maiores pensadores portugueses do nosso tempo e foi pensando, meditando, pedindo a Deus plena luz com sinceridade do coração, que chegou à posse da verdade!

Impressionou a sua morte logo após a conversão. Morte de castro, segundo a viram os homens! Deus vê melhor que nós e Ele é que sabe se aquele que tem de receber uma herança convém recebê-la já ou mais tarde! Se tivesse morrido sossegadamente no seu leito, de doença ou velhice, a sua con-

### Cinco minutos ao cavaco

#### Ou doidos ou malvados!

—O compadre Canário, é homem de me resolver aqui umas dívidas?

—Vamos a ver, compadre Pantaleão. Até aonde chegaram os meus dez réis de fóstoro...

—Ele sempre será certo que há Deus ou não, compadre?

—O compadre ainda aí val, deveras?

—Eu... tenho cá as minhas dívidas... A gente ouve falar em Deus, mas nunca o viu...

—Razão de peso, compadre Pantaleão! Nunca o viu! É como se dissesse: Ouço falar na Patagónia, mas não sei se existe ou não, porque nunca a vi. Ouço falar em Lisboa e até dizem que quem a não viu, nunca viu coisa boa; eu nunca a vi, por isso não sei se existe a cidade de Lisboa ou se é uma fábula. Os jornais falam no imperador da Etiópia, e publicam-lhe fotografias, com suíças e tudo; mas, como nunca o vi mais gordo nem mais magro, não acredito nele!

—Alto lá, compadre Canário! Não é bem a mesma coisa! A Patagónia, a cidade de Lisboa e o imperador da Etiópia, tenho a certeza que existem, porque, se os não vi eu, há muitos olhos que os viram. Mas Deus, quem é que O viu?

—Quem é que O viu? O compadre Pantaleão não tem uma Bíblia ou História sagrada?

—Anda por lá uma História Sagrada, do tempo do arroz de quinze, lá isso anda! É velha, mas ainda serve para atirar ao gato, quando ele atrepa acima da mesa!

—Então é esse o uso que dá a um livro divino, que tanto respeito merece, por conter a palavra de Deus, compadre Pantaleão? Esse livro é para se ler e guardar com carinho!

—Se quere que lhe fale quanto é franco, ainda não sei de que trata.

—Pois olhe, compadre Pantaleão, dou-lhe um conselho: as noites neste tempo são compridas como a légua da Póvoa; por isso, ao srão pegue na sua História Sagrada, que é um resumo da Bíblia, e depois encarrapite as lunetas em cima do nariz e leia. Lá verá que Deus apareceu muitas vezes a Adão e Eva, os nossos primeiros pais, apareceu a Caím, apareceu a Abraão, apareceu a Moisés, aos profetas da Antiga Lei, etc., etc. Depois me dirá se Deus Nosso Senhor tem sido visto por olhos humanos ou não. Passe em seguida ao Novo Testamento, leia a vida de Jesus Cristo nos Evangelhos e verá se o mesmo Cristo é ou não o próprio Deus que apareceu na terra. Conte, se puder, os milagres que realizou durante a sua vida, precisamente para fazer ver ao mundo quem Ele era.

—O compadre, mas então porque é que Deus não aparece ainda, como antigamente?

—Quem foi que disse ao compadre que Deus já não aparece? Está claro que não aparece ali a qualquer Zé da Horta; mas tem-se manifestado a muitos santos e santas. Leia as vidas dos santos e lá verá como Deus em todos os tempos se tem dignado revelar-se a algumas criaturas privilegiadas.

—E porque será então que Deus não aparece a todos, como aos santos?

—Porque é? Porque nem todos são merecedores disso. De mais a mais, Ele não é nosso criado, para andar sempre a manifestar-se a todo o bicho careta! A nós basta-nos acreditar nele. Se O vissemos com os nossos olhos, nenhuma merecimento tinha a nossa fé.

—Mas então, compadre Canário, para não estarmos aqui a gastar muita cera, como é que podemos ter a firme certeza de que há Deus?

—Olhe, compadre, vou resumir. Em primeiro lugar, já lhe disse que Ele tem aparecido por muitas vezes. Apareceu nos tempos antigos, apareceu na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus e homem verdadeiro, tem aparecido a muitos santos.

Ora, quem aparece, é porque existe, não é verdade, compadre?

—Não resta dúvida, compadre Canário.

—Em segundo lugar, Deus Nosso Senhor tem dado muitos sinais da sua presença na Hóstia cons-

sagrada, por meio de milagres realizados no seu Sacrário e sobretudo em Lourdes e Fátima, à passagem da Procissão do Santíssimo Sacramento. Paralíticos que se levantam curados, cegos que recuperam a vista instantaneamente, tuberculosos que se transformam num momento, quando passa o Santíssimo — tudo isto que é, senão uma prova bem eloquente da existência de Deus e da sua presença na Hóstia?

—Não, que, sendo assim, já me calo, compadre Canário.

—Pois isto que lhe digo, tem sido observado centenas de vezes, compadre Pantaleão. Mas não era preciso tanto, para termos a certeza de que há Deus. Senão, diga-me uma coisa: a sua casa existiu sempre ou não, compadre?

—Não, há mil anos estavam as pedras no monte e as árvores que deram as madeiras ainda vinham em casa de Pilatos.

—Bem; se a sua casa não existia há mil anos, porque existia hoje?

—Boa pergunta! Porque a fizeram!

—Mas o compadre viu alguma vez os pedreiros e os carpinteiros que fizeram a sua casa?

—Eu não! Pois se ela é a mais velha da freguesia! Já tem musgo nas telhas, por dentro e por fora!

—E o compadre tem a firme certeza de que existiram os artistas que fizeram a casa?

—Mau! O compadre faz de mim tolo, ou que é isso? Pois se eles não existissem, como é que haviam de fazer a casa?

—Deu no vinte, compadre Pantaleão. Agora, em vez da sua casa, pergunto: o Sol, a Lua, as estrelas, a Terra, que habitamos, os animais, as árvores, emfim, tudo o que se vê e o que se não vê no mundo — essas coisas existiram sempre?

—Isso agora é que eu não sei. Nesse ponto estou a zero.

—Pois o que o compadre não sabe, sabe-o a Ciência, sabe o que estuda. E até nem é preciso estudar, basta raciocinar um pouco. Assim como a sua casa não existiu sempre, assim também o mundo, com tudo quanto encerra, não existiu sempre. Há milhões de anos não existia. Teve um principio, fôse lá quando fôsse. Está compreendendo, compadre?

—Perfeitamente, compadre Canário. Até aí vou eu. Mas quem me diz a mim se foi Deus que criou o mundo, ou quem foi?

—Quem lhe diz? Não é preciso ir muito longe. Basta reflectir: o mundo não existiu sempre, teve principio. Por isso alguém o fez, porque ele não se podia fazer a si mesmo. Quem não existe, nada pode fazer.

—Isso agora se pelos olhos da cara, compadre Canário!

—Pois se mete, deixe entrar o resto: o mundo não se podia criar a si mesmo. Necessariamente, foi alguém que o fez. Esse Alguém só pode ser Um que existiu sempre, Um que não teve principio, porque ninguém O podia criar: é Deus! Portanto, há ou não há Deus? Eis a razão por que o

(Continua na 2.ª pag.)

### VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal.

Em Dezembro de 1935 tirou 323.122 e em Janeiro de 1936 326.795 exemplares assim distribuídos:

	Dez.	Jan.
Algarve ...	4.950	5.033
Angra ...	17.333	17.910
Beja ...	4.147	4.288
Braga ...	70.609	72.177
Bragança ...	9.751	9.882
Coimbra ...	15.982	16.381
Evora ...	4.000	4.150
Funchal ...	19.908	20.204
Guarda ...	31.921	30.817
Lamego ...	8.467	8.705
Leiria ...	13.158	13.645
Lisboa ...	8.448	8.840
Portalegre ...	8.213	8.381
Porto ...	46.617	47.161
Vila Real ...	32.927	32.929
Viseu ...	10.372	10.484

306.803 310.987

Estranjero. 3.598 3.688

Diversos ... 12.721 12.120

Total ... 323.122 326.795

B. A. LANÇA

ACÇÃO CATÓLICA



FOLHA MENSAL DA J.A.C.F. - ORGANISMO DA J.C.F.

Rezai...

A oração é para a alma o que a respiração é para o corpo. Se a respiração para, o corpo morre; se se deixa de orar, a alma morre também.

A cada passo, a experiência mostra-nos esta verdade. A oração é a guarda da virtude. Ela nos alcança a força de que carecemos para resistir ao pecado, para resistir às seduções que o mundo nos oferece.

O mundo perde-se porque não ora. Como nos admirarmos da indiferença, da libertinagem, da degradação em que caíram tantas raparigas, mesmo no nosso meio campestre, se na luta não se armaram do escudo da oração?!

Deus, nosso Pai liberalíssimo, está pronto a dispensar-nos as suas graças, mas quer que lhe peçamos! É preciso que a criatura reconheça a sua dependência e se humilhe.

Rezai pois, queridas jacistas, rezai para adorar e agradecer ao Senhor os benefícios recebidos, para solicitar e receber as graças que precisais.

Rezai com fervor e humildade, sentindo a vossa miséria, os perigos que correis, a necessidade que tendes do socorro do Céu!

Como recomenda Nosso Senhor, façamos da nossa vida uma oração continua, pelo oferecimento das nossas acções, pela aceitação da Sua Santíssima vontade, e pela união da nossa alma na graça de Deus.

Mas no momento da tentação, digobremos as nossas preces. Rezamos muitas vezes, no íntimo do coração: Meu Deus, antes morrer do que ofender-Vos!

Recorramos, cheias de confiança, à SS.ª Virgem. Ela, a nossa Mãe querida, nunca é invocada em vão!...

M. R. F. de C. B. P.ª geral da J. A. C. F.

Cartas Jacistas

Minha querida Emilia

Que prazer me deu a tua cartinha!

Sim, uma jacista deve interessar-se sempre pelo seu movimento, dar-lhe o melhor do seu esforço e dedicação.

Gosto de ver-te assim animada a trabalhar por Cristo N.º Senhor, cheia de zelo pela Sua glória, pelo bem das tuas companheiras e desta querida terra de Portugal que todas desejas ver feliz e respeitada.

Nas nossas aldeias, outrora tão profundamente cristãs — e tanto que 100 anos de campanhas infernais, lentas e disfarçadas umas, (as mais perigosas!) outras violentas, não destruíram completamente os seus sentimentos religiosos...

Rezemos e trabalhemos neste sentido, minha querida Emilia. Continuarei a dar-te as minhas notícias, como pedes, e espero também as tuas.

Deus te guarde. Abraça-te a tua dedicada Margarida

Campanha de Orações da J. C. F. FEVEREIRO

Orar para que as apóstolas da J. C. F. se enchem de zelo na realização da Campanha Pascal.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Coitadinho!... Metia dó!

Era de manhãzinha. O pobre do homem deitara-se muito depois da meia noite.

Trabalho cada vez mais trabalho: não lhe dáo um momento de descanso.

As vezes quasi se chega a aborrecer. Naquella manhã então era uma coisa horrível.

Um enorme maço de correspondência. Quando chegou ao fim atou as mãos à cabeça, aflito, sem saber o que havia de fazer.

Metia dó. Imaginem que metade daquellas cartas eram a fazer novas encomendas.

Haviam chegado do Brasil no último barco. Sim, porque, no Brasil, quando se trata de imagens de santos e sobretudo de Nossa Senhora de Fátima ninguém discute.

Há apenas um nome e um artista e esse em Portugal. José Ferreira Theádm Coronado Santo Tiro

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Vida jacista através de Portugal

Diocese de Leiria

Reunião Plenária da J. C. F.

No dia 1 de Dezembro a cidade de Leiria juntou, em torno do seu venerando Prelado, numo ardente manifestação de fé e dedicação à Santa Igreja, cerca de 1.700 raparigas.

A Juventude da diocese de Leiria não quis estar só no dia da sua festa. A fim de compartilhar com ela, as suas alegrias e as suas esperanças para que com ela dessem graças ao Senhor, convidou a Presidente Nacional da J. C. F., e uma das nossas mais antigas propagandistas (que poderíamos chamar a propagandista de Leiria), Maria de Lourdes da Câmara Mesquita; e mais a Presidente Geral da J. A. C. F., com a sua Secretária.

Para estas últimas foi uma consolação ver entre as raparigas de 38 freguesias, que se fizeram representar, umas 1.000 jacistas. Muitas vieram à pé e algumas percorreram 30 quilómetros!

A primeira cerimónia foi a Missa das 9 com comunhão geral celebrada por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo. Seguiu-se o primeiro almoço oferecido com paternal carinho pelo Senhor Bispo. Foi a ocasião de nos conhecermos, trocar impressões, cantar, tirar fotografias, etc.

Houve missa solene e Te-Deum ao meio-dia. Ao terminar, todas acompanharam o Senhor Bispo ao Paço onde o filho de Cristo Rei e da Juventude, dando vivas.

As 3 e meia realizou-se a sessão solene no Centro do Seminário na qual usaram da palavra a Presidente Nacional, Presidente da J. A. C. F., por fim o Senhor D. José. Foi com o maior interesse que todas escutaram as oradoras interrompendo-as com os seus vivas e palmas. Sua Ex.ª Rev.ª no seu discurso referiu-se em termos elogiosos às visitantes e mostrou a sua paternal solicitude por aquela parte juvenil do seu rebanho e terminou pedindo que se restaurasse na sua Diocese o uso desta saudação tão cristã e tão portuguesa:

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! a que todas reponderam prontamente: «Para sempre seja louvado! Acabou a reunião com a bênção do S.ª dada de uma janela pelo zeloso Assistente eclesástico o sr. P.ª Augusto de Sousa Mala a quem cabe grande parte no exito da reunião.

Depois de um chá oferecido às propagandistas pelas Dirigentes diocesanas de Leiria que foram incansáveis na preparação de tão linda festa, houve nesse dia e no seguinte várias reuniões de estudo entre elas uma para as dirigentes da J. A. C. F. feita pela Presidente e Secretária gerais.

Que todas, mas especialmente as jacistas, guardem sempre vivo o entusiasmo deste dia e com as bênçãos da nossa Mãe do Céu vão, num apostolado de conquista, recriar e renovar as suas aldeias, restabelecendo em todos os meios rurais o Reino de Cristo e o que deseja a J. A. C. F. de Leiria.

A Secretária Geral da J. A. C. F.

Arquidiocese de Braga

Festa da J. A. C. de Anha

Realizou-se no dia 24 de Novembro de 1935, no núcleo de JAC da freguesia de Anha, Arquidiocese de Braga, uma festa comemorando o seu 1.º ano de vida.

Constituiu de comunhão geral, exposição de trabalhos das Benjamins, que foram muito apreciadas, entronização do Sagrado Coração de Jesus e sessão solene.

Era pequena a sala da Sede para a quantidade de raparigas e famílias que queriam assistir à sessão solene.

Começou ela por umas palavras do Rev. Assistente congratulando-se com as raparigas, que comoveram o auditorio. Falaram ainda a emissária da presidente da JAC, que não pôde comparecer, e a secretária local, rapariga de lavoura, que a todos deixou admirados pela naturalidade e sentimento com que disse o seu discurso. Completaram o programa um questionário sobre Acção Católica, vários hinos e uma Benjamina a recitar.

Como fim de festa foi representado pelas Benjamins o hino da J. C. F. figurado, que agradou muito. Decorreu a festa entre palmas e vivas bem espontâneas.

Diocese de Vila Real

Relatório Diocesano da J. A. C. F. de Vila Real, no ano social 1934-1935

Em breve envergonhada, que eu, pobre e ruidoso rapariga de aldeia, venho hoje aqui, neste dia de festa, ler um pequeno resumo do que foi a vida das Jacistas, na nossa querida Diocese, no ano findo. Digo querido, porque a maior parte dos nossos núcleos ainda estão em organização, e não puderam fornecer os apontamentos precisos para um relatório completo.

Existem actualmente na nossa Diocese 15 núcleos de J. A. C. F., e 628 Jacistas.

Divide-se a vida da Jacista em três partes bem distintas: Vida de piedade, vida de formação, e vida de apostolado ou vida social.

Relativamente à vida de piedade. Fizemos este ano, as Jacistas, 12.298 Comunhões, ouvidos, sem ser nos dias de preceito. — 3.277 Missas — e tivemos três turnos de Exercícios Espirituais que foram frequentadísimos.

Relativamente à vida de formação, tivemos 219 reuniões. Nestas reuniões foram-nos dadas lições sobre religião, moral, civildade e costura.

Relativamente à vida de Apostolado ou vida social, fizemos o seguinte:

- Casamentos, 5. Baptizados, 4. Escolas a pobres, em dinheiro, 600\$00. Escolas em roupas, 54 peças. Escolas para as Missões, em dinheiro, 50\$00. Roupas de Altar para as Missões, 40 peças. Visitas a doentes pobres, 319. Ensinam catequese, 62 sócias. Preparámos para a primeira Comunhão, 59 crianças.

Como vemos, o nosso trabalho tem sido mais de formação do que de Apostolado. Mas nós as Jacistas da Diocese de Vila Real, seguimos no dia de hoje, somos um terreno bom para cultivar, por isso a nossa missão tem sido de nos aperfeiçoarmos e santificarmos, porque só quando fomos perfeitas e santas é que poderemos fazer algum bem. Esperamos contudo que para o próximo ano, que hoje começamos, o nosso Apostolado seja mais fecundo. Assim Deus nos ajude.

Esta Diocese conta mais 2 centros: Ours, próximo de Vidago e Vila Cova.

Secção Recreativa

Declaração das Adivinhas de Dezembro:

- 1 — O bofão; 2 — A espiga de trigo. Charada Novíssima Não é boa 1 — Esta parenta 2 — Conceito. Por ser defeituosa.

No Mercado

Tio Manuel! Venha aqui escolher uma blusa para a sua Aninha! Como ela está bonita! Que Deus lhe crie para boa sorte! Que perfeita!

— Graças a Deus — respondeu o Manuel Pintassilgo enleado pelos elogios feitos à filha, — já é velho o ditado: Quem meu filho beija... — há poucas que por aí se lhe acomparem. Querem Aninhas? — Escolhe, filha.

— Olhe: esta azul é da cor dos seus olhos.

Aninhas aborrece-se com os elogios. — Não preciso de blusas antes queria aquele lenço.

— Bom! isso é lá com elas, Tia Clara. Ela tem o que quer, mas olhe que não abuse.

E Aninhas, sem êle dar por isso, ia-o encaminhando até o lugar de Teresa. Já gastara todos os argumentos capazes de convencer o pai a deixá-la pertencer à J. A. C. F.

A Maria, a quem nada escapa, viu-os e foi-lhes ao encontro.

— Viva Tio Manuel Pintassilgo! Guarde-o Deus! Por cá hoje? Adeus Aninhas!... Então Vocemecê vem a dizer à gente que a sua Aninhas fica para a reunião?

O raparigas!... Essas coisas são para os homens... Para uma mocinha não é bonito.

— Ouves isto, Teresa? Então nós somos más raparigas...?

— Mariuzinha... yalha-me Deus... eu não queria ofender... mas é que... como a Mãe é fraca, ela já trabalha muito e não tem tempo.

Teresa, que já estava a guardar o barro nos seios do burro, aproximou-se e com o seu ar sempre agradável entreteve na conversa:

— Não nos dê esse desgosto! Escute, Tio Manuel. Aqui a Maria e eu também, antes de assistir às reuniões da Juventude, trabalhávamos porque a nossa vida o exigia, mas sempre que podíamos escapar, deixávamos o pior da tarefa. Agora já não é assim desde que somos jacistas. Sabemos que temos deveres...

— O que é ser jacista? interrompeu o Tio Pintassilgo.

— Jacista quer dizer que pertence à J. A. C. F.

— Jáquefê! Isso parece conversa de gatos...

— Lá vem êle com mangações, diz a Maria fingindo-se ofendida, olhe que isto são coisas mais sérias do que pensa.

A Aninhas já sabe o que é a J. A. C. F. Aposto!

E a Juventude Agrária Católica Feminina, uma organização católica para as raparigas do campo, não é Teresinha? respondeu Aninhas triunfante.

— Bravol Ora aí tem como ela é esperta. A cachopa aproveitou da explicação Coutra dia.

— Sim, ela saberá, mas eu é que não entendi nada.

— Ora pense bem! Juventude quer dizer que não é para os velhos ou aqueles assim... como... E os êlhos da Maria dizem o que ela não se atreva a concluir.

— Como eu. Ai a ladina. Bom. E o resto?

— Agrária refere-se ao campo — continuou a Teresa. Todas as raparigas que vivem nos meios rurais, ou tenham propriedades... ou sejam filhas de proprietários de grande ou pequena lavoura... e ainda as que vivem na aldeia ou são joraleiras. Católica porque está organizada e trabalha na dependência da Santa Igreja sob a sua vigilância e indicações. Feminina porque é para as raparigas. Há mais quatro organizações que formam uma só Juventude Católica Feminina.

— Isso é bonito, mas o que é que Vocemecê se propõem fazer tôdas?

— Como já disse, vamos às reuniões aprender a cumprir melhor os nossos deveres agora junto dos nossos pais e mais tarde nas nossas casas e para com as outras raparigas devemos ajudar umas às outras com o nosso bom exemplo e bom conselho; e mais coisas ainda...

— Se assim for veremos as nossas aldeias livres dum costume que não eram do meu tempo. Olha, filha, vai à reunião. Eu vou ao compadre Anasácio. Quando estiveres despachada vai ter comigo.

Mafalda de S. Gens

A manifestação de Cristo na sua Pessoa e na sua doutrina

A segunda Pessoa da Santíssima Trindade incarnou, isto é, fez-se homem, para vir ao mundo trazer a revelação do Reino de Deus.

Para se revelar, precisava de se dar a conhecer, de se manifestar.

Manifestou-se, como sendo o Caminho, a Verdade e a Vida.

O Caminho. Jesus Cristo é Deus, porque é o Filho do Pai. Deus, como Deus, todas as suas acções, por mais pequenas que pareciam, têm um valor infinito, porque são acções divinas. Mas Jesus também é homem. Incarnou, tomou a nossa natureza humana, fez-se um de nós. Por isso as suas acções são também humanas, isto é, são acções praticadas por um homem. Se são acções humanas, são acções que podem ser imitadas pelos homens. «Eu dei-vos o exemplo, disse Jesus, para que assim como eu procedi, assim vos procedais também». Se Jesus fosse Deus apenas, não o poderíamos imitar. Mas como é também homem, podemos. Foi com razão, por isso, que Nossa Senhora, que se manifestou aos homens como sendo o Caminho que todo o homem deve seguir na sua marcha para o Céu. Nos domingos depois da Epifania! (palavra que quer dizer «manifestação»), Jesus espalhou os seus benefícios, enuncia as ideias do seu Reino. Nas orações litúrgicas pede-se a graça de seguir este Caminho — caminho que nos é apresentado na vida oculta de Jesus e na sua vida pública.

A Verdade. Como Deus, Jesus é a Ciência Suma, a Ciência Divina. Fez-se homem para mais facilmente manifestar aos homens a Verdade procedente de Deus. Pôs Jesus essa Verdade ao alcance dos homens, por meio de parábolas sobretudo. Depois da Sua Morte, os Apóstolos comentaram e desenvolveram a doutrina de Cristo, nas suas Epístolas. Podemos, portanto, conhecer a Verdade — a doutrina de Jesus — pelas Epístolas e pelos Evangelhos nos quais se narra a vida de Jesus e se nararam as parábolas e a doutrina que Ele pregou.

Jesus Cristo é, por isso, a Verdade Suma. Como tal exige da nossa vida, a virtude da Fé.

A Vida. A vida divina é a graça de Deus, isto é, o dom de amor de Deus, a habitação da S. S. Trindade nas nossas almas.

A união com Deus vem simbolizada nas núpcias de Caná da Galileia, narradas no Evangelho do 2.º domingo depois da Epifania.

O Amor é a vida, porque «aquele que não ama, diz S. João, permanece na morte». E Cristo é o Amor. Cristo é a Vida, portanto.

Toda a nossa Religião se concentra em Jesus Cristo, a quem devemos seguir (imitando-O), a quem devemos ouvir (porque é o Verbo de Deus — a Palavra de Deus — a Verdade) e a quem devemos amar (porque é o Amor — a Vida).

Ouçamos a manifestação de Jesus e nunca nos esqueçamos de que Ele é o nosso Caminho, a nossa Verdade e a nossa Vida.

Se assim for veremos as nossas aldeias livres dum costume que não eram do meu tempo. Olha, filha, vai à reunião. Eu vou ao compadre Anasácio. Quando estiveres despachada vai ter comigo.

Mafalda de S. Gens

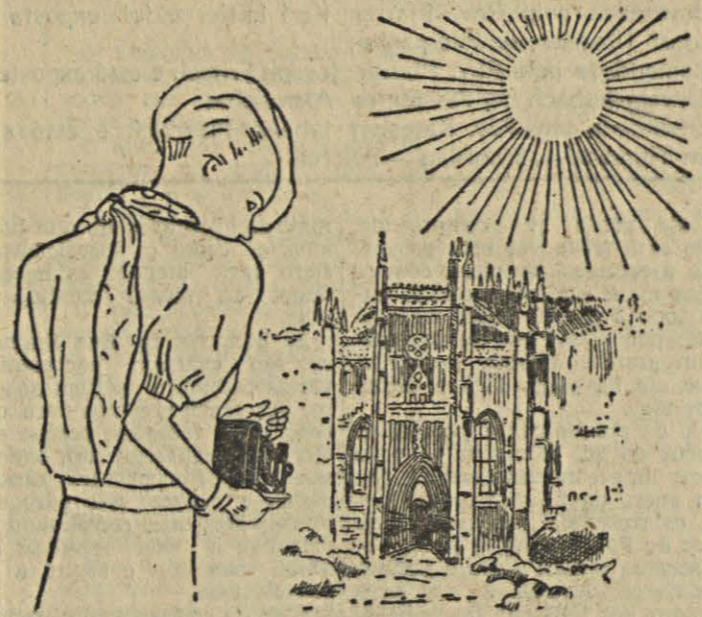
VOZ DA FATIMA

DESPESA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Transporte, Papel, Franquias, etc.

Donativos desde 1930

- André Chichorro—Monforte, 20\$00; Filomena de Jesus — Esculca, 20\$00; Ana Formigal Morais—Lisboa, 20\$00; M.ª da C. Santos — Braga, 20\$00; Joaquim A. Rio — Lagos, 20\$00; M.ª José Trindade — Monsanto, 50\$00; Constança Isabel Malen—Pórtó, 50\$00; M.ª Borges Pinto — Açores, 20\$00; Lucinda Magriço — Alvarelos, 15\$00; M.ª Otília Amaral — Açores, 20\$00; José G. Ramada — Pórtó, 20\$00; Carlos G. Fonseca — Congo Belga, 20\$00; Francisco P. Sebastião A. Gonçalves — Francos, 20\$00; Dr. Luís Baldoque Guimarães — Pórtó, 100\$00; F. Abílio Mendes — Barreiro, 50\$00; F. Menezes — Góa, 50\$00; Hermenegilda L. Gago — Alportel, 20\$00; João Mendes Tavares — Dakar, 21\$95; João das Dóres Mesquita—Gandarela 61\$50; Elvira Abreu Falcão — Lagoas, 50\$00; Maria E. Bernard — Lisboa, 20\$00; Margarida de Abreu—Penafiel, 15\$00; Elísio Costa — Pórtó, 20\$00; Joaquim Manuel — Pórtó, 20\$00; Misério de Landana, 100\$00; Fernanda de Melo — Pórtó, 20\$00; M.ª das Dóres Lopes — V.ª N.ª de Fozcoá, 20\$00; Manuel G. Quinteiro—Covilhã, 50\$00; Adelaide Bastos — Covilhã, 40\$00; António Lima — Oakland, 44\$50; Pi-no Patrou — Turim, 15\$00; António C. Alma — Falal, 20\$00; Augusto C. Macedo — Falal, 20\$00; Assinantes de Góa, 311\$60; M.ª Augusta Monteiro — Góa, 20\$00; Alzira Noronha — Góa, 20\$00; Laura Barbosa — S. Gens, 15\$00; N.ª 3573 — Guimarães, 20\$00; P.ª Domingos Costa — Guimarães, 15\$00; Viscondessa da Pesqueira, 100\$00; Joaquim Monteiro — Pórtó, 50\$00; António D. Palaguelho — Azinhaga, 20\$00; Elmira Cruz Corte — Funchal, 50\$00; Rita de Sousa — Casa das Amórtas, 20\$00; Miguel Fialho — Moura, 15\$00; M.ª Amélia Marques—Viseu, 20\$00; Manuel Francisco Barreiro — Brasil, 15\$00; Francisco Marques — Benavente, 20\$00; Inácio Antunes — Almagem do Bisão, 20\$00; Misericórdia — Chaves,



Quantas vezes no decurso das vossas viagens em Portugal, vos encontráreis, a sbitas, frente a qualquer dos nossos encantadores monumentos, padões de fé e de heroísmo, como a Batalha, Guimarães, etc...

Mas a hora, ou a posição do sol, dizêis, não vos permitam obter, como tanto desejaríeis, mais essa fotografia para o vosso Album Kodak...

A culpa é vossa!... Para que usar uma película qualquer quando

«VERICHROME»

A Película que só Kodak pôde fabricar, vos permita boas fotografias com qualquer luz, a qualquer hora, com qualquer tempo, dadas as suas inimitáveis e excelentes qualidades!

Alem da que «VERICHROME» não é mais caro do que tantas outras películas e é para vós uma garantia segura contra insucessos.

«Verichromes é recomendada por todas as casas de artigos fotograficos que tem verdadeiro interesse em que as vossas fotografias sejam de uma impecável qualidade.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett-Lisboa

Padaria Lamecense

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C. Suc.ª

Largo dos Aviadores REGUA Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, asseto e esmero, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Pastelarias, doces finos. Tudo com Produtos de 1.ª qualidade. A nossa devise é servir bem, para servir sempre.

A Sacra Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

Os patrões demoravam-se a massar o café; a «Espanhólita» tirava o aventalinho branco, guardiões dum recorte hirtos de goma que, excedendo o vestido, batiam no cano das botas andaluzas, substituído por um de riscado grosseiro, e descia ao pequeno jardim a fazer a rega.

Porque seria ela só a «Espanhólita» aquela aldeia quasi raiana onde abundavam por tal modo os seus patricios? Naturalmente porque se extremava de tôdas as rapariguinhas da região daquém e da além Guadiana.

Seria necessário designá-la assim para nos convencermos da sua nacionalidade, contra a qual protestavam o rostozinho alvo e fino, os olhos e os cabelos de tons de avelã, a voz duma doçura e melodia impressionantes. E se fosse portuguesa, necessário seria inventar qualquer outro epíteto que a distinguisse também...

A «Espanhólita» desce, pois, a escada estreita, sobre cujos muros, tre-camados de cal, se espreguiçam grandes de vide. Vai buscar o regador e dar principio à tarefa. Espanhólita portuguesa, ela sabe que a sua verdadeira pátria é lá no alto, naquelle azul interminável e para lá volve constantemente os olhos, mesmo ocupada, mesmo os olhos de alguma semente...

Contra aquella imensidade, ora dum tom de pérola, semeada de flocos rubros, destaca-se a torre da igreja encastada no velho castelo como bandeira de trigoas, alva de neve, a ressaltar do bastião negro. E, sob

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C. Suc.ª

Largo dos Aviadores REGUA Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, asseto e esmero, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Pastelarias, doces finos. Tudo com Produtos de 1.ª qualidade. A nossa devise é servir bem, para servir sempre.

A Sacra Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

ela, reside o doce Jesus — não só naquella hora tão triste, sem uma alminha junto dele... talvez, sem uma flor fresca... talvez mesmo, sem uma luz! — O sacrificio é tão desceida-duz!

A ideia de que Jesus está às escutas é intolerável para a «Espanhólita». É só atravessar o «Pomarinho», abrir uma cancela, e eis a casita do Corcovado, Bate, ninguém responde; mas lá de dentro vêm roncões sibilantes...

A pequena levanta o aldrab e mergulha o olhar no interior já sombrio. O Corcovado, com os braços sobre a mesa e a cabeça sobre os braços, ressona. Na sua frente, uma granaça, de-certo vazia.

— Oh! sim! Jesus está às escutas! O coração bem lho dizia...

A um lado da lareira, pendente, está a pesada chave da igreja. A criança não tem uma hesitação: vai buscá-la num prouto e sai correndo. Não leva sequer um lenço que deite sobre a cabeça ao entrar na igreja: — Deixá-lo! Deixá-lo! o avental!

Cerra-se a noite. A grande porta voltada ao basante está já envolta em completa obscuridade. Os dedilhos frágeis tateiam o officio da fechadura; a chave entra... Mas, como movê-la?

— Jesus! Meu Jesus!... geme a «Espanhólita». Sagrado Coração de Jesus... eu tenho confiança em Vós! E a chave obedece.

Nos altos vitrais passam ainda tá-luzes claridades, mas, cá em baixo,

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C. Suc.ª

Largo dos Aviadores REGUA Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, asseto e esmero, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Pastelarias, doces finos. Tudo com Produtos de 1.ª qualidade. A nossa devise é servir bem, para servir sempre.

A Sacra Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

ela, reside o doce Jesus — não só naquella hora tão triste, sem uma alminha junto dele... talvez, sem uma flor fresca... talvez mesmo, sem uma luz! — O sacrificio é tão desceida-duz!

A ideia de que Jesus está às escutas é intolerável para a «Espanhólita». É só atravessar o «Pomarinho», abrir uma cancela, e eis a casita do Corcovado, Bate, ninguém responde; mas lá de dentro vêm roncões sibilantes...

A pequena levanta o aldrab e mergulha o olhar no interior já sombrio. O Corcovado, com os braços sobre a mesa e a cabeça sobre os braços, ressona. Na sua frente, uma granaça, de-certo vazia.

— Oh! sim! Jesus está às escutas! O coração bem lho dizia...

A um lado da lareira, pendente, está a pesada chave da igreja. A criança não tem uma hesitação: vai buscá-la num prouto e sai correndo. Não leva sequer um lenço que deite sobre a cabeça ao entrar na igreja: — Deixá-lo! Deixá-lo! o avental!

Cerra-se a noite. A grande porta voltada ao basante está já envolta em completa obscuridade. Os dedilhos frágeis tateiam o officio da fechadura; a chave entra... Mas, como movê-la?

— Jesus! Meu Jesus!... geme a «Espanhólita». Sagrado Coração de Jesus... eu tenho confiança em Vós! E a chave obedece

# A medalha de Nossa Senhora de Fátima Graças de N. S.ª de Fátima Uma santa portuguesa criada de servir

## SANTA TERESA DE OURÉM

Maria já quasi que nem vive!... Faltam 20 dias para o José, o seu José chegar!... Eram muito novos quando começaram a conversar; ele ainda nem tinha ido às sortes, mas chegou-lhe a vez e teve que partir...

Na véspera de se ir embora os dois trocaram as suas promessas de amor, a tardinha, quando, com o rancho alegre dos trabalhadores, regressavam do campo a cantar...

—Maria, murmurou ele, se tivesse a certeza que me eras fiel, que esperavas por mim, partia menos triste... Neste momento passavam pela igreja, os sinos tocavam as Ave-Marias...

—Anda, disse ela, lá dentro dou-te a resposta... Entraram e ajoelharam... Ela, orou fervorosamente... Ele, um pouco enfiado, rezou também, mas distraído...

Finalmente Maria ergueu-se, entrou na igreja, despregou do peito uma medalha de N. Senhora de Fátima e disse: —Olha, José, nem tu nem eu, sabemos ler nem escrever... Vais para longe e não te posso dar notícias, nem receber as tuas, nem quero pedir a ninguém que te dê por mim...

Toma esta medalha, é a da minha Primeira Comunhão. Lá no quartel lembra-te que ta de lá tardinha, a hora das Ave-Marias. Na cidade também há igrejas. Quando ouvires tocar as Ave-Marias, pensa que a essa hora, estou aqui a rezar por ti e, quando dueres, entra tu também na igreja a rezar por mim.

Não nos podemos escrever, mas assim, será como se a S.ª de Fátima da minha medalha, desse notícias nossas um ao outro. José pegou na medalha, beijou-a e, sem dizer palavra, guardou-a no bolso de dentro do casaco.

—E tu, não me dás nada teu? perguntou a rapariga. O moço estendeu-lhe um grande lenço de chita encarnada, as riscas amarelas. —Só tenho este lenço que já hoje enxugou muita lágrima de saudades tuas!...

—Obrigada, José, retorquiu Maria, e depois de o dobrar cuidadosamente, meteu-o na algibeira do avental. O José partiu... Passaram dias, passaram meses; agora está para chegar, Maria com o coração aos pulos, continua a ir à igreja, à hora das Ave-Marias, rezar por ele, mas embora não queira, sente-se triste e oprimida.

O José era bom, simples, crente... Voltara com as mesmas ideias? Conhece tantos rapazes que a vida militar, na cidade, perdeu. Que será dela, se ele for desse número, se também volta sem fé?...

So... se... olhou para as raparigas da cidade e ao compará-las com a achou labrega e pouco alicosa, com a sua sala rodada, as suas chinelas e o seu lenço de camponesa!...

Pobre Maria! Que estranho presentimento a fez assim andar afilada!... O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

Voltou, mas declarou logo que era por pouco tempo, que ia regressar à cidade aonde uns camaradas da tropa lhe tinham arranjado um emprego. Ela, Maria, se quisesse, que viesse com ele, mas havia de modificar o seu traçar, vestir à cidade e o casamento, ainda tinham muito que conversar a esse respeito!...

Os rapazes da cidade tinham-lhe desmascarado as ideias e aberto os olhos. Agora é que via quanto tinha sido tolo de andar até aquela idade a praticar a religião. Se ela quisesse casar com ele, casavam, mas só pelo civil!...

Maria ouviu, ouviu, ao principio espantada, depois toda afilada, mas quando o José falou em casamento civil, estremeceu toda como se tivesse apanhado uma bofetada e muito séria e digna respondeu: —Porque terá Deus N. Senhor permitido que encontrasses lá pela cidade essas mas companhias e não alguns jócistas!

Terá-te atrevido a falar-me em casamento civil prova bem a que ponto mudaste... Não me podias ter feito maior ofensa... Assim não nos podemos entender... Acabou-se tudo. Dá-me a minha medalha, e toma lá o teu lenço.

—Perdi a medalha, não sei pela... Uma lágrima rolou pelas faces de Maria, desviou-se procurando escondê-la e regressou precipitadamente a casa.

E os dias foram passando para ela cheios de tristeza. Apesar de tudo amava José e não se podia consolar de ver assim desfeito o seu sonho de ventura. Todas as tardes, à hora das Ave-Marias, continuava a ir à igreja rezar por ele, ingrato, que passados dias voltou para a cidade, depois de ter apregoado, por toda a aldeia, as suas ideias de revolta contra Deus e a Sua Igreja.

Na cidade, José empregou-se como marceneiro. Tinha revelado muito gosto para o ofício e já ganhava um bom par de escudos, de forma que não lhe faltava dinheiro para gastar em todos esses maus divertimentos nos quais se perdem os rapazes.

Um domingo ele e uns amigos combinaram um grande passeio de automóvel, com almoço na praia da Nazaré. Pelo caminho começaram a encontrar muitos automóveis, tamalhetas e outros veículos.

—Porque será este movimento todo, perguntou um dos foliões. —Vão para Fátima; hoje é dia 13. Lá na garagem não ficou um carro, respondeu o motorista.

—Ah! é verdade! E se nós fôssemos também ver aquilo? exclamou outro dos foliões. —Pria vamos!

E meteram a caminho de Fátima. O automóvel, devido à aglomeração de carros teve que parar a uns dois quilómetros da Cova da Iria e os seus passageiros fizeram a pé o resto do trajecto.

Quando chegaram, estava a começar a procissão que precede a Missa dos doentes. Um pouco atordoados, os foliões ainda tentaram gracejar, mas a pouco e pouco calaram-se, tiraram o chapéu e maquinalmente foram cantando com a multidão dos peregrinos: —Avé! Avé! Avé Maria!

O José estava impressionadíssimo! O ambiente de Fátima acordou repentinamente nele a sua fé e parecia-lhe que tinha deixado lá adiante na estrada, dentro do automóvel, todas as ideias ruins que ultimamente lhe tinham metido na cabeça.

Como fascinado, foi andando, andando, metendo-se pelo meio da multidão, não sem levantar, aqui e ali, alguns protestos, mas de repente parou...

Um pouco mais adiante estava Maria de joelhos, a rezar, alheia a tudo, como naqueles dias, a tardinha, quando tinha trocado com ele as suas promessas de amor. Por quem rezaria ela? Ainda se lembraria dele, ingrato e infiel que ousara propor-lhe um casamento civil?...

A Missa já terminou e Maria, sempre de joelhos, continua rezando. Agora, dos lindos olhos, correm-lhe dois fios de lágrimas... Por quem chorará ela? Será por ele?

Começa a bênção dos doentes... Senhor, fazei que eu veja! Senhor, fazei que eu ouça! Senhor, fazei que eu ande!

Comoovidíssimo o José, o pobre cego da alma, que acaba de recuperar a vista, ajoelha também e reza... Reza e chora, a recordar a medalha de N. Senhora de Fátima que Maria lhe deu e que lhe perdou...

Lembra-se que a rapariga chorou quando lho disse. Embora virasse a cara para o lado, ele bem viu. Aquela indiferença pela medalha, era também desprezo pelo amor dela... Pobre Maria, como ele a fez sofrer!

Está magra e abatida... Será também por causa dele? —José, vamos embora, disse tocando-lhe no hombro um dos companheiros. —Vão sem mim, encontrei gente conhecida e fico com eles.

—A vontade, menino, adeus!... E José fica só. Uma enorme sensação de alívio apodera-se dele!... Afinal na cidade nunca teve uma verdadeira alegria... Andava atordado, mas não contente...

A multidão canta o adeus à Virgem e logo começa a debandar. José aproveita para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!...

—Ah! disse, como eu tinha razão de confiar que N. Senhora de Fátima te havia de converter e trazer de novo para junto de mim. —Sim, Maria, N. Senhora de Fátima fez esse milagre! Perdi a medalha que me deste como prova do teu amor, mas hoje sou eu que te vou dar uma como prova do meu e também do meu arrependimento de tanto te ter ofendido!...

—A mim não faz mal, mas a Deus, José, é que é preciso pedir perdão!... —Sim, Maria, eu sei... Vamos comprar a tua medalha, e depois, vou-me já confessar...

Algumas semanas depois, Maria e José casavam na igreja da sua aldeia, aonde ambos tinham sido baptizados e feito a Primeira Comunhão. O José não quis voltar para a cidade e arranjou a sua vida na aldeia.

A tardinha, à hora das Ave-Marias, lá estão eles sempre os dois, na igreja, marido e mulher, unidos na mesma fé, como no mesmo amor, a louvar e a dar graças à Virgem, N. Senhora de Fátima...

**Maria de Fátima**

**Cinco minutos ao cavaco**

(Continuação da 1.ª página)

grande sábio Cuvier costumava dizer: —Os que não acreditam em Deus, ou são doidos ou maquiavistas!

O compadre Canário, porque será que há tanto, hoje em dia, quem não acredite em Deus? —Olhe, compadre Pantalão: muitos negam a Deus com a língua, mas outra coisa lá fica. Como dizia um filósofo; de dia, dizem que não há Deus; de noite, têm medo que O haja. Outros, querem convencer-se de que não há Deus, porque assim lhes convém, mas não tem quem os castigue dos seus delitos e pecados. Por isso passam a vida a ver se se convencem de que não há Deus. A maior parte, porém, não conseguem convencer-se bem disso, porque, em lhes batendo uma desgraça à porta, já chamam: *Vaiha-me Deus!* E sobretudo, quando se vêem às portas da morte, mandam às urtigas a sua incredulidade e já acreditam em Deus e em Santa Maria!

—Lá isso é verdade, compadre Canário. Ainda não há muito, lá o meu vizinho Jorge da Rata, que não podia ver os seus pais, nem acreditava em Deus, quando viu a morte na garganta, mandou chamar o abade e já quis tudo! Ela é negra!

—Tem razão o compadre. Está tão radicada na nossa consciência a crença em Deus, que, por mais que se faça, não se consegue apagar essa crença. A conclusão a tirar é esta: *Há um Deus que nos criou, que nos vê, que nos governa, e a quem um dia haremos de dar conta da nossa vida!*

—Pria vamos!

## GRAÇAS DIVERSAS

### No Continente

A filha do sr. dr. José Maria P. Gens, Batalha, teve uma sunita maxilar diagnosticada ao Raio X. Tendo ido em Abril para fazer o tratamento que o caso requeria encontrou-se já curada, favor que sua Mãe atribua a Nossa Senhora de Fátima e a S. Teresinha do Menino Jesus.

—D. Maria Isabel de C. Silva Moraes, Cova do Viriato, Viscu, do seguinte: «Cheia de reconhecimento, venho agradecer a N. S.ª de Fátima muitas e importantes graças que por sua maternal intercessão me têm sido concedidas do Céu.

—Francisco Rodrigues dos Santos Lima e sua esposa, da freguesia de Anha, receberam de N. S.ª de Fátima um insigne favor em agradecimento do qual ofereceram a N. S.ª uma escola superior a mil escudos oferecendo também uma escola em agradecimento da mesma graça o sr. Manuel José da Costa Novo — Vila Fria.

—Jorge da Costa Lima, Viana do Castelo, recorreu a N. S.ª de Fátima numa ocasião em que se encontrava muito aflito com um ataque de falta de ar. Tendo recebido por intercessão de N. S.ª de Fátima o auxílio que implorou, vem agradecer publicamente tão insigne favor.

—D. Anélia Santos — Foz do Douro, alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima a graça do desparecimento dum quisto que tinha no peito. Como prometeu, pede a publicação do favor recebido.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé».

«A voz da consciência não se deve fazer calar, e eu, que padeci durante largos meses de uma doença que a própria medicina não venceu com a sua adiantada ciência, faltaria ao mais sagrado dos deveres da minha vida se, com estas singelas palavras que traduzem um profundo agradecimento da alma, não viesse publicamente declarar o meu reconhecimento eterno ante a graça de N. S.ª Senhora do Rosário de Fátima que me restituiu a saúde.

—Apelo, pois, a seus pés, reconhecido e humilde.

—José Mendes Tinoco — Aveiro, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por duas graças que alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima, sendo uma delas a cura de sua filha Ana que sofria de meningite e a outra a cura de sua esposa que sofria do estômago.

—Joaquim Henriques Laranjeiro, Alvorinha — Caldas da Rainha, vendo a sua esposa amargurada com sofrimentos que a molestavam, recorda.

re em seu favor a N. S.ª de Fátima, e tendo alcançado a graça que pretendia vem aqui manifestar o seu reconhecimento a tão boa Mãe.

—D. Maria Clara — Parada Tocha, obteve de N. S.ª de Fátima a cura de uma senhora sua amiga que já havia ido para o Porto para ser sujeita a uma operação melindrosa. Profundamente agradecida pela graça que alcançou pede o favor da sua publicação.

—D. Maria Carreira — Carris — Evora, agradece a N. S.ª Senhora uma graça concedida a uma sua filha que estava prestes a morrer, agradecendo também uma outra graça que fora concedida a um seu filho que se encontrava também, em mau estado.

—D. Maria dos Anjos Tavares — Monte — Murtoas, agradece a N. S.ª de Fátima uma graça particular que por sua intercessão lhe foi concedida do Céu.

—A Ir. Maria das Dores Magalhães, religiosa em Vila do Conde, diz o seguinte: «Tive uma alheira da beira da sepultura, e Nossa Senhora dignou-se ainda curar-me.

Foi uma graça enorme! Quando parecia exalar o último suspiro, recorri a N. S.ª de Fátima por meio da B. Paula e as melhores tornaram-se bem patentes e repentinas. Se eu já era muito devota da Mãe do Céu, agora a minha devoção redobrou, como era natural.

Pedi a publicação de tão grande graça no jornalzinho de N. S.ª de Fátima.

### Nos Açores

—D. Robinson Bessone de Medeiros Amorim, dos Açores, diz o seguinte: «Durante alguns anos sofri do estômago, e como não encontrasse a cura na medicina da terra, recorri a N. S.ª de Fátima e ao SS. Coração de Jesus de quem obtive a minha cura radical. Torno conhecida esta graça bem como uma outra de minha sobrinha, curada de uma furunculose, as quais agradeço a N. S.ª de Fátima e ao SS. Coração de Jesus.

—Jaime da Costa — Faial, Açores, deseja manifestar aqui o seu agradecimento pela cura de seu Pai, para obter a qual bastou fazer uma novena com essa intenção em honra de N. S.ª de Fátima.

### Na Madeira

—D. M.ª Almeida Moniz — Funchal, escreve dizendo o seguinte: «Tendo eu há meses sido acometida por uma doença gravíssima que me

obrigou a uma operação melindrosa, recorri a N. S.ª de Fátima pedindo-lhe a graça de ser feliz na minha operação. Como agora me sinto perfeitamente curada e considero isso uma grande graça da Santíssima Virgem de Fátima, escrevo esta carta para que, sendo publicada na «Voz da Fátima», preste pública homenagem de reconhecimento a tão boa Mãe do Céu.

### Em Angola

—O Rev.º Missionário P.º Henrique Gross, escreve da Missão de Cabinda, dizendo o seguinte: «Venho com esta cumprir um dever para com N. S.ª de Fátima em nome de um dos nossos Irmãos.

Estava ele na Europa o ano passado, onde devia submeter-se a uma operação grave. Na sua angústia recomendou-se a N. S.ª de Fátima, prometendo mandar publicar a graça obtida se recuperasse a saúde para voltar a trabalhar em terras de Missão.

E graças a N. S.ª de Fátima, foi ouvido e está de novo a fazer o trabalho de Missionário zeloso.

Acrescento que a devoção e confiança a Nossa Senhora de Fátima vão aumentando nas nossas Missões. Várias Capelas lhe são dedicadas. No último 13 de Maio lá fomos a uma delas celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Havia alegria como numa grande festa o que fez com que o dia 13 fosse celebrado com solenidade.

Aqui na Missão, no dia 13 de cada mês, canta-se durante a missa e dá-se a Bênção do Santíssimo Sacramento para solenizar o dia das aparições de Nossa Senhora de Fátima. Que ela nos ajude na conversão destes povos.

P.º Henrique Gross.

### No Brasil

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

**Vinhos para Missas - ALTAR**  
DA  
**Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal**  
SEDE — VILA NOVA DE GAIA  
FILIAL — RUA DO ALECRIM, 117 — LISBOA  
A «Real Companhia» garante que este vinho é preparado segundo os preceitos canónicos

# O culto de Nossa Senhora de Fátima

## Em Singapura

Singapura, cidade de 100.000 habitantes, é a capital da Indochina inglesa.

Pertenceu outrora a Portugal, foi evangelizada pelos missionários portugueses, conservando ainda tradições de amor intenso à nossa terra.

As principais cristandades pertencem ao Padroado português, dependentes da diocese de Macau.

Indo ali em visita pastoral o sr. D. José da Costa Nunes, venerando Bispo de Macau, muito devoto de Nossa Senhora de Fátima cujo Santuário visitou e illustrou com a sua palavra eloquente e patriótica, convidou o Fátima da igreja de S. José a inaugurar o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Essa ideia foi calorosamente acolhida.

O Rev. Pároco, P.º José Dias Botão, encontrou logo dois dedicados colaboradores, no sr. C. X. Furtado que ofereceu a estátua e o senhor Vergy que adquiriu um lindo mosaico representando a Aparição.

Num altar de mármore, bem visível, foi colocada a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Chegou finalmente o dia da festa cuja descrição transcrevemos do Boletim eclesiástico da Diocese de Macau:

«Os nossos cristãos foram previamente avisados da festa, pelo que a Igreja estava apinhada de fiéis. A missa foi solene em honra de Nossa Senhora, primeiro para Lhe agradecer os favores especiais que Ela já concedeu a alguns dos seus devotos em Singapura e em segundo lugar para Lhe pedir que continue a mostrar mais e mais a sua poderosa intercessão perante o seu divino Filho. A parte musical foi desempenhada com maestria pela cantoria e organista. Depois do Evangelho eu subi ao púlpito e falei sobre o objecto da solenidade, sobre as maravilhas de Fátima, sobre as delirantes manifestações de fé do povo português, sobre o espírito de penitência dos peregrinos nas suas longas caminhadas para Fátima, sobre o fervor na recepção da S. Comunhão, sobre a grandiosa procissão das velas, sobre as curas maravilhosas que já são inumeráveis e milagrosas conversões, enfim, procurei excitá-los à vista desses exemplos a terem uma fé tão ardente e uma devoção tão sincera que Nossa Senhora facilmente possa resistir aos seus pedidos. Exortei-os a que se aproximassem de Nossa Senhora de Fátima com fé, amor e confiança; que nas suas enfermidades, nos seus trabalhos e dificuldades fizessem uma novena acompanhada do terço, que comungassem e bebessem umas gotas de água de Fátima e que seriam atendidos porque Nossa Senhora não é somente Mãe de Portugal e daqueles lugares onde está concedendo favores especiais, mas também é

em ciências naturais pela Universidade de Coimbra, missionário no Brasil, veio em peregrinação a Fátima.

Voltando ao Brasil foi encarregado duma freguesia — *Barra da Corda* — no Maranhão.

Adquiriu para a sua Igreja uma imagem de Nossa Senhora de Fátima cuja devoção se vai desenvolvendo entre os fiéis, opondo uma barreira à propagação protestante que é intensa naquela região.

A principio os índios combatiam e perseguiram os cristãos tendo em 1901 massacrado 5 frades, 7 irmãos e mais de 200 cristãos.

Hoje mostram-se amigos dos missionários, estimam-nos, graças à protecção de Nossa Senhora de Fátima que muito veneram.

## Na América do Norte

### Nas Antilhas inglesas

#### ILHA DA TRINDADE

Adquirida pela sr.ª D. Elisa M. J. Gouveia em sua peregrinação a Fátima em 1935, foi para a ilha da Trindade uma bela imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Foi recebida com todo o entusiasmo pelos fiéis da paróquia de S.º Patrick onde é Pároco o Rev. O. Niel, O. P., que foi um dos Superiores do Corpo Santo, em Lisboa.

A imagem chegou a New Town a 22 de agosto e foi benziada e exposta à veneração no dia 13 de setembro. O lindo templo estava completamente cheio. O Rev. O. Niel pregou e tão comovido que como disse, nunca tinha pensado em ter a imagem de Nossa Senhora de Fátima na sua igreja.

Pedimos aos nossos leitores as suas orações pela conversão dos protestantes da ilha da Trindade, pelo Rev. Pároco de S. Patrick e pela família da sr.ª D. Elisa Gouveia cujo filho é muito doentinho.

## Em França

«Le Grand Illustré Catholique», magnífica revista ilustrada que se publica em Angers França tem tratado por mais duma vez dos acontecimentos de Fátima. O último numero encerra um belo artigo com o título *Notre-Dame de Fátima e o subtítulo Le Lourdes de Portugal* em que o autor descreve as aparições, dá notícias das peregrinações e algumas impressões pessoais.

Ilustram o artigo três excelentes gravuras — Nossa Senhora, vista geral do Santuário e os três pastorinhos.

## No Brasil

### MARANHÃO

O Rev. Fr. Lourenço Maria de Alcântara, capuchinho, formado

A três quilómetros da antiga Vila de Ourém de que ora restam apenas no alto do monte mal conservadas ruínas do Castelo, uma dúzia de casas e a Sé da velha colegiada no pequeno lugar de Zambujal ou Azambujal, nascia no principio do século XIII de pais humildes e muito cristãos a criancinha que, mais tarde, após uma vida escondida e apagada, devia subir aos altares com o nome de Santa Teresa de Ourém.

Do que foi a sua vida pouco se sabe pois a incúria dos seus contemporâneos, a rudeza dos tempos e a distância a que nos encontramos não deixaram que até nós chegasse notícia criticamente certa de seus virtuosos feitos.

Dentre o que dela escreveram e a tradição local nos legou vamos em poucas linhas traçar-lhe o perfil, modêlo de outras almas da sua condição.

Ou pela pobreza da terra então mal povoada e quasi inculta ou por necessidade dos pais, foi Teresa servida, acontecendo vir a encontrar-se como criada de um sacerdote das vizinhanças.

ram mais tarde outra que por ser muito imperfeita foi retirada e substituída por uma que neste mesmo número reproduzimos.

A imagem representa a santa com um ferrolho na mão. Porquê?...

Foi o caso que, tendo um dia saído, vieram uns ladrões para lhe roubar a casa e querendo abrir a porta se lhes pegaram as mãos ao ferrolho e ali ficaram para sua vergonha até que a santa veio e vendo-os assim os repreendeu da sua má tenção e, pondo-se de joelhos, pediu a Deus que lhes perdoasse e os deixasse ir e eles se foram muito confusos.

Parce que não era o amor muito inclinado a liberalidades, antes desejava de aumentar os bens da casa que já eram grandes.

Havia pelos arredores gente precisada e a santa do que já não era preciso e se iria estragar dava esmolas aos pobresinhos.



Santa Teresa de Ourém — Padroeira das criadas de servir

É certo que viveu e morreu em odor de santidade e que poucos anos após a sua morte estudados e aprovados os milagres que por sua intercessão haviam sido operados, o Bispo da Diocese, que ao tempo devia ser Coimbra, procedeu solenemente à sua canonização como lhe permitiam os cânones da Igreja.

Desde então por diante não mais cessou o culto desta Santa que as criadas portuguesas invocam por sua especial Padroeira.

Na capela da sua terra natal venera-se uma toca intacta. Na igreja de Ourém estavam sua.

guardadas as suas reliquias na cripta abaixo do altar-mór mas, com o terramoto de 1755 de que a nobre vila tanto veio a sofrer perdeu-se entre os escombros notável parte delas.

Hoje só resta o cráneo que ainda ali se venera recolhido numa caixa de prata.

Prestou-se-lhe culto na capela de St.º Amaro e agora na Sé de Ourém. A imagem antiga desapareceu com o terramoto. Fize-

Conta-se que certo dia indo ela com um cestado de esmolas a encontrar o amo e lhe perguntou, mal humorado, que era que levava e dizendo-lhe a criada que flores, contra sua expectativa viu o cestado cheio de flores em vez de pão.

Tal impressão lhe causou este milagre que daí por diante lhe deixava dar as esmolas que queria e veio por isso a tornar-se mais piedoso tendo uma morte edificante.

Outros muitos milagres se referem operados em vida e depois da morte por intercessão da humilde santinha.

Hoje, que tanta rapariga cristã tem, como ela, necessidade de ganhar a vida a servir, julgamos fazer coisa de utilidade apontando às criadas de Portugal um modêlo que facilmente podem imitar e uma advogada a quem invoquem nas suas necessidades.

No proximo numero voltaremos ainda a tratar de Santa Teresa de Ourém.

**SARDINHAS DE CONSERVA...**

...rico petisco que não dá trabalho ao cozinheiro.

Uma delicia. Um apetite.

— Um salário familiar, para que as mães de família se possam dedicar exclusivamente ao arranjo e economia domésticos, a educação dos filhos e ao cuidado do marido.

— Uma habitação familiar, que favoreça a intimidade do lar e a união dos membros da família.

— Uma higiene familiar que venha dar a toda a família a sensação do bem-estar no seu lar.

— Uma legislação familiar, que proteja a família, a sua boa organização e a sua conservação, contra os elementos de desagregação, tanto materiais, como

Estes meios de defesa da família, postos em prática, colocam a família naquele lugar proeminente que Deus quer que ela ocupe na sociedade, como seu fundamento e sustentáculo que é.

Os agricultores, tanto da J. A. C., como da L. A. C., colaboram conosco na realização do grande programa familiar que é posto ao seu estudo e resolução.

Pela família, façamos todos os esforços.

Companheiros, começa por dar o exemplo. Amai a vossa família. Dai-vos todos a ela, para a conquistar e para a tornardes mais felizes.

CRUZADOS de Fátima

Dantes não havia...

Dantes não havia estas coisas que há agora na vida católica! — ouve-se dizer por aí com frequência... — E os que assim falam, dizem ainda: — Dantes nascia-se, ia-se ao colo da ama à Igreja, recebia-se o baptismo e era-se cristão. Mais tarde, umas tinturas de catecismo, coisa pouca. Depois, em chegando à idade de casar, ia-se ao confesso, e pronto! — para a igreja a dar o nó! Vinham os filhos e iam-se baptizando. Pela vida fora, a confissãozinha, pela Páscoa de Eessurreição, porque o catecismo lá dizia: ao menos uma vez cada ano — e mais nada. Nos casos biçados da vida, alguma promessa a este ou aquele santo de que se ouvia que era advogado disto ou daquilo — e que na ocasião era lembrado, segundo o preverbo: lembrar-se de Santa Bárbara só quando há trovoadas! Em caso de alguma doença grave, então sim, a cautela, outra confissãozinha, para limpeza das caldeiras — sabe-se lá? — mais alguma promessa para o restabelecimento da saúde, e pronto! Depois, na última doença, quando havia tempo — os sacramentos da hora final, enterro com padre, réquiem, missa de réquiem, de 7. e 30.º dia e no aniversário. Pela vida fora pagar os direitos paroquiais, e estava um homem apto para dizer que era um católico completo. Agora há todas estas organizações, de rapazes, de raparigas, do campo e das cidades, de homens, de médicos, de advogados, e jornais, e seminários, e missões e quotas para a direita, quotas para a esquerda, e esmolas para todos os lados. E tudo isto se aponta como dever, se recomenda como necessário, se pede com instância. A vida de um católico hoje é muito mais complicada. Dantes não havia nada disto! Assim falam — é não se pode negar que assim é. O que é preciso é convencer a todos de que assim tem de ser. A Voz da Fátima está exercendo uma grande acção educativa, não só pela extensão, mas precisamente porque representa já uma grande coisa que dantes não havia, que nunca houve em Portugal, e que já hoje atesta que os católicos portugueses começam a compreender que estas coisas novas são absolutamente necessárias: — representa uma organização. E para nos convencermos da sua necessidade basta uma simples reflexão: é que essas coisas que dantes não havia, e hoje há, se tornaram necessárias, por não

haver então outras coisas, que há hoje. Assim, essa vida católica ali acima descrita, reduzida aos seus mínimos requisitos, era tolerável noutros tempos em que não havia forças organizadas para combater tudo que nos é mais precioso. Deixando de parte agora as considerações que nos sugere aquela descrição da vida católica à antiga — (e muito tinhamos que dizer, mas bastará afirmar que nunca, em tempo algum, foi apresentada semelhante vida como o padrão da verdadeira vida católica, porque se o catecismo fala na confissão e comunhão anuais acrescentava-lhe o ao menos uma vez que muitos parecem esquecer) — vejamos as condições em que viviam os nossos avós e as condições em que nós vivemos. Eles viviam numa sociedade pacata, em que as verdades religiosas e a propriedade da Igreja eram rodeadas de acatamento e protecção, até por parte dos poderes públicos. Quem não praticava a religião, pelo menos não a combatia. Não havia então escolas anti-católicas, jornais anti-católicos, folhetos anti-católicos, associações anti-católicas, teatros imorais, cinemas imorais, modas imorais. Os nossos maiores faziam os seus legados à Igreja, para sustentar o seu clero e o culto — e tinham a certeza de que os seus bens tinham essa aplicação, estavam seguros, passavam de geração em geração cumprindo-se a vontade dos doadores. Enriqueceram assim misericórdias, hospitais, confrarias, e desde que cumprissem o estritamente necessário apontado pelo catecismo, podiam viver de consciência tranqüila. Mas hoje? Hoje há verdadeiras forças organizadas para combater tudo quanto cheira a religião e para apañhar até o que não cheira, mas sabe bem — porque em volta do que resta de comestível em coisas eclesiásticas, ou de origem eclesiástica, rugem apetites devoradores. Começou por comer o Estado, há mais de um século e em 1910, apoderando-se dos bens da Igreja, que serviam para sustentar os nossos Prelados, os nossos seminários, o clero das nossas freguesias. O que ainda hoje é restituído em forma de aposentações — porque a elas têm direito os párocos velhos, gastos ao serviço da Igreja — não é nada comparado ao que à Igreja se roubou. E o Estado que espoliou, durante muito tempo permitiu que por todos os meios se combatessem as crenças que geravam es-

ses actos de generosidade, que tinham feito de Portugal uma vasta rede de misericórdias, quasi uma em cada concheilo, onde os pobres e doentes encontravam amparo na miséria, na doença e na morte. E perante este estado de coisas pode entrar na cabeça de alguém que os católicos hoje não tenham mais deveres que os católicos de outros tempos? Pode haver país que conheça os perigos que corre a juventude abandonada e não veja que hoje se tornou necessária a defesa dos seus filhos, de todos esses perigos, que lhes ameaçam o corpo e a alma fora de casa, nestes tempos tão diferentes dos tempos de outrora? Quando nas grandes aglomerações operárias se difundem ideias que visam a destruir não já só a crença nesta ou naquela verdade religiosa, mas a própria crença em Deus — haverá quem não compreenda a necessidade de defender as crenças dos operários cristãos, de os organizar, para fazerem dentro da ordem as suas justas reivindicações, em vez de os deixar cair sob a influência de correntes revolucionárias que tentam lançar a sociedade em contínuos desordens sangrentos? Só assim pode pensar, quem estiver neste mundo moderno parecendo acabar de acordar de um sono em que mergulhou nesses remotos e saudosos tempos de paz. Católicos de hoje, que assim pensam, fazem-me lembrar aqueles pobres abexins, que ainda vão para a guerra de lanças e facas de mato, ou com vilãs espingardas, quando têm pela frente os italianos, com canhões e metralhadoras e por cima bombas de gases e metralha de aeroplanos que... dantes não havia! Sejam do nosso tempo, acetem a luta onde ela nos é oferecida, mas com armas também do nosso tempo. E a organização é a nossa arma principal, pois com ela, e com o número em que somos imensamente superiores, venceremos!

Comer também é pecado?... — Não me entra cá na cabeça! A gente pecar por comer um bife à sexta-feira!... Comer também é pecado! — Evidentemente que não é pecado comer carne, noutro dia que não seja de abstinência. — Então porque é que se pecca, à sexta-feira? — Por desobedecer à Igreja que proíbe aos católicos comer carne em certos dias. — E com que direito? — A Igreja estabeleceu essa lei para que fizessemos penitência pelos nossos pecados, porque todos os temos... — Sim, foi Nosso Senhor Jesus Cristo quem disse: SE NÃO FIZERDES PENITENCIA MORRERES TODOS! Refugia-se — é claro — à morte eterna, queria dizer que, sem penitência, calaremos todos no Inferno — e para sempre, sem remédio! — Pois sim, mas se eu comprar as bulas, já posso comer carne. E uma questão de dinheiro, do valor que tem em si as bulas, do valor que tem em si os seus rendimentos, e obrigado a menos dias de jejum e de abstinência. E além disso, pode receber muitas graças e indulgências. — E para onde vai esse dinheiro todo? — Vai para os Seminários onde se educam os futuros sacerdotes, e vai para as igrejas pobres. Os seminários lutam, com muitas dificuldades, nesta hora tristíssima de crise e de miséria em todo o mundo. Os alunos são quasi todos, de gente sem virtude. — Se tu fosses um verdadeiro patriota, não te atreves a falar mal das bulas, que são um privilégio que os Papas fizeram a Portugal, em paga dos grandes serviços que os portugueses prestaram à Religião, pagando a Índia, o Brasil, que sei eu mais? — Bons tempos eram esses! O que eu perdi, foi uma excelente ocasião de estar calado... — E sempre assim: as coisas da Religião não se aceitam bem, porque se faz uma luta diferente do que elas são na realidade. X

Ainda recentemente morreu Trindade Coelho, perseguidor da Igreja, que se converteu, há anos. Coube agora a vez a Leonardo Coimbra, professor, filósofo e orador de raça. Antigo deputado e ministro da República — que por várias vezes atacou a Religião da maioria dos portugueses. Mas há anos que se vinha aproximando do bom caminho, até que, pelo Natal, se confessou ao santo dr. Cruz, comunicou e casou catolicamente. Dias depois, um desastre de automóvel lançou-o nos braços de Deus, que o seu espírito brilhantíssimo e o seu coração amante tão ardentemente procurava. Pouco antes de morrer, disse a um dos médicos que o assistiam: — Oefeiceio os meus sofrimentos à Virgem Mãe de Deus pelas melhoras do meu filho. As grandes inteligências do nosso tempo vão reconhecendo, por toda a parte, que Jesus é o caminho, a verdade e a vida! E que fora da doutrina da Igreja, só há morte, ruína e desespero!

Para rir Portugal é um dos países onde se come mais peixe Acabamos de ler numa estatística que cada português consome, em média, por ano, 18 quilos e tal de peixe. Só três países têm um consumo de peixe maior: são a Suécia (em cujas águas se pesca o melhor bacalhau), a Noruega e a Dinamarca. Mikoyan, Comissário da Indústria, perguntou-lhe o que ia fazer com tanto dinheiro. Ela respondeu que ia comprar um par de sapatos por 180 rublos, um vestido por 200, etc. Estava doida de contente. Porque é preciso que se saiba que 200 rublos valem a ser o que um operário russo ganha num mês de trabalho. Quere dizer, recebe por mês o preço dum par de sapatos ou dum vestido. E não devemos esquecer que na Rússia há muito frio no inverno; no norte, há até extensas regiões que estão todo o ano cobertas de gelo. Se o operário quiser um capote para se agasalhar, tem de aporantar uns 400 rublos — isto é, trabalhar dois meses, sem tirar vintem das férias recebidas. Não há dúvida, pois: os operários russos vivem num céu aberto... Ministros de Deus e da Pátria Alguns espíritos liberais que ainda julgarão que só na Idade Média se viam padres fazer parte do governo dos povos — aprendem agora uma lista de sacerdotes, nos nossos dias, foram (ou são ainda) ministros em vários países. Na República Austríaca, Mons. Seipel, bispo, foi, ainda há poucos anos, chefe de governo por várias vezes. Na Checoslováquia, Mons. Sramek, ministro da Higiene e Previdência Social. Na Alemanha, o P. Brauns, foi ministro do Trabalho durante oito anos. Na República Húngara, Mons. Vass, morreu em 1930; ao seu funeral incorporaram-se cem mil pessoas. Na Holanda, Mons. Nolens, chefe do governo. Na Jugoslávia, Mons. Korochetz, ministro ou chefe de governo. Na Bélgica, uma das primeiras figuras políticas e o parlamentar P. Rutten, frade dominicano. E note-se que alguns dos países acima mencionados (Alemanha, Holanda) são principalmente constituídos por protestantes. A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Postais com prémio Comprar um postal ilustrado Luz, que custa só 50 centavos, é estar habilitado durante um ano a prémios semanais que podem ser até de dezenas de contos. Pedidos só de 6 postais para cima, a 50 cada, mais 50 centavos para cobrança. Cada encomenda leva um prospecto explicativo dos prémios. Foram premiados, segundo a lista da lotaria da Santa Casa de Lisboa, nos meses de dezembro e janeiro, mais os postais com os números 7085 — 2058 — 2597 — 7236 — 7706 — 3438 — 3214 — 1797 — e os postais com número imediatamente superior ou inferior a qualquer destes. Quem os tiver mandados em carta registrada à Editora «Luz» — Rua de S. Julião, 142, Lisboa, para onde também devem ser dirigidos os pedidos de postais, ou a cobrança ou acompanhados da respectiva importância. Outros premiados nas últimas quatro lotarias, antes de 20 de dezembro: 7054 (7053 e 7055); 2058 (2057 e 2059); 2597 (2596 e 2598); 7236 (7235 e 7237).

118.000 Cruzados na Arquidiocese de Braga É a quanto sobe já, na Arquidiocese de Braga, o número de Cruzados de N.ª Senhora de Fátima. E o entusiasmo de quem se entrega, vai aumentando dia a dia, registrando-se continuamente novas Trezenas que chegam de toda a parte. Freguesias há, e bem pequenas algumas, com 60, 80 e mais grupos organizados, quasi toda a família paroquial. Bem-haja já, que nos há-de salvar, reconduzindo Portugal inteiro aos pés de Deus e da sua Excel.ª Fátima! Podemos deixar de destacar o exemplo dum excelente católico, o atual dum freguesia de Amares, que indo para Lens, França, granger meios de subsistência, lá mesmo associou a si os seus conterrâneos e camaradas, inscrevendo-se todos como Cruzados de Fátima, cujos distintivos trazem ao peito com orgulho santo. Recebem mensalmente a «Voz da Fátima», que lem e fazem circular entre todos os portugueses que habitam na mesma região (País de Calais), e no fim de cada quadrimestre enviam ao Director Arquidiocesano de Braga, com a mais pontualidade, o produto das suas quotas. António Alves é o nome deste modesto cristão e fervoroso apóstolo, que bem merece, como os seus bravos companheiros, as melhores bênçãos da Rainha do Céu. Além das 2154 Missas já celebradas na Arquidiocese de Braga, por todos os seus Cruzados vivos e difuntos, mais 600 vão ser mandadas oferecer imediatamente pela mesma intenção, agora que acabam de entrar as colectas referentes ao último período de 1935. Presidência Tesouro Manancial infinito, que por si só bastaria para afervorar e fazer perseverar até à morte os nossos queridos Cruzados!

O agradecimento dum poeta No dia 8 de Março de 1895 — fazia 45 anos o grande Poeta João de Deus — os estudantes portugueses fizeram-lhe uma grande manifestação. O Poeta, agradecendo-lhes, fez esta formosa quadrá: Que vindes cá fazer, ó Moçidade... Recordar-vos de mim; quanto vos devo! Também leve de vós muita saúde E em chegando ao outro mundo, estivevo.

Mais um que se apaixonou por Cristo Já alguém chamou ao século XX o século dos convertidos, pois não tem conta os escritores e sábios que se têm vindo fora da Igreja já sem arrependido e mudado de rumo. Muitos que tinham sido inimigos da Religião tornam-se depois apóstolos, propagandistas da Boa Nova, que é o Evangelho. Há dias, morreu um dos maiores romancistas de todos os tempos, que, depois de convertido, se fez um pregador da Moral Cristã. Paul Bourget, devemos, contudo, observar que, dum modo geral, os seus livros, mesmo os que foram publicados depois da sua conversão, não devem ser lidos por toda a gente. Os anteriores ao seu regresso à Religião são condenáveis. Em Portugal, tem acontecido o mesmo.

Um santo abexim No dia 27 de Outubro, rezou a Igreja, dum santo da Abissínia, povo cuja população é em grande parte cristã. E embora seja um país pouco civilizado, tem dado ao mundo apreciáveis lições, nesta hora trágica. Vem, pois, a propósito dizer duas palavras sobre o santo que nos fala o calendário, a 27 de Outubro. Trata-se do rei etíope Elessbio que, depois de ter vencido os inimigos de Jesus Cristo, enviou a sua corteza real a Jerusalém — a cidade onde Nosso Senhor principalmente pregou, e onde sofreu para nos salvar, a Sua gloriosa Paixão e Morte. Eassobse leito no tempo do imperador romano Justino, no VI século da era cristã. S. Elessbio fez em seguida voto de ser frade, e entrou para um convento onde morreu santamente.

ACÇÃO CATÓLICA

COMO SE ORGANIZA A J. A. C.

Tem de haver os sócios, os militantes e os dirigentes. Começamos por escolher os que háo-de vir a ser os militantes. Eles darão dirigentes e serão os apóstolos. O grande erro de muita gente que dirige organizações católicas é querer que todos sejam apóstolos. Nudem-se e só conseguem com que ninguém o seja. Os apóstolos precisam de cuidados especiais, de formação especial, de amparo especial e de assistência continua. Ora isto não se pode dar a todos e por isso que não se dá a nenhum. Faz-nos tanta pena ver como alguns párocos se esfalfam a trabalhar e no fim de tudo estão velhos, cansados e nada conseguiram... Falta de método e nada mais. Formemos alguns dos bons, dos activos, dos capazes de iniciativa e eles farão depois o resto. Continuaremos.

ENTUSIASMO

Como já dissemos no número anterior, o aparecimento de «O Arado» causou bastante alegria por esse país além. Receberam-se na Redacção dezenas e dezenas de cartas com palavras de entusiasmo e alegria. Bom é, rapazes! Também recebemos bastantes artigos, o que também é bom. Fazemos, porém, um aviso a todos os que queiram escrever para «O Arado». Todos os artigos devem vir assinados com o nome por inteiro e com a morada. Pode-se não publicar o nome, mas a Redacção precisa de saber quem lhe manda os artigos. Seria ótimo que os mandassem por intermédio do Pároco. E avante, rapazes, pela J. A. C. A J. A. C. é a organização dos rapazes do campo para a conquista de mais Virtude de mais Instrução, de mais Felicidade, para eles e para o mundo. Rapazes, organizai-vos na J. A. C.!

Uma história verdadeira Tenho 27 anos. Quasi que nunca fui à Missa e era um grande propagandista contra a religião católica. Contudo vivia sempre empenhado. Se ganhava dez, gastava vinte. Numa linda tarde de Outono, tentei arranjar namóro com uma rapariga católica. Ao principio recusava-se, por eu não ser católico, mas depois talvez para me converter, aceitou. Desde então começou a pedir-me para eu ir à Missa e eu, com medo de que ela me deixasse, comecei a ir. Mas como não podia ver os Padres, saia muito antes do meio da Missa e ficava cá fora à espera do fim, para que, quando os Padres me visse, a porta e pensasse que eu tinha assistido à Missa. Depois deu-me o jornal de Fátima e eu comecei a lê-lo e a ir à Missa. Um dia o Padre fez ao mtio da Missa uma pequena prática e eu gostei muito. Passados tempos houve uma semana de práticas e eu fui sempre de manhã e à noite. Fiquei a gostar do que ouvi e hoje sou um católico e combato os pagãos. Vivo satisfeito e desempenhado. Se ganho dez, gasto cinco e ainda como melhor do que quando ganhava dez e gastava vinte. E certo, rapazes das minhas antigas ideias atrazadas, Deus ajuda. Fazei todos como eu e vereis como sois ajudados.

UM ANTIGO PAGAO A Oração Nunca vos esqueçais de rezar, ao levantar. Ofereci todas as manhãs a N.ª Senhora os vossos trabalhos e sacrificios durante o dia. Sabeis que assim, evitando o pecado, podereis ser santos e grandes santos? O vosso trabalho de todos os dias, oferecido a Deus, é uma oração constante. Rezi, trabalhando! Rezi com a vossa enxada!

O Arado

Orgão mensal da J. A. C.

Sentinelas, alerta!

Estas linhas são escritas de baixo duma certa tristeza! Porque? Porque vemos serem mais esportos, mais activos e mais sacrificados aqueles que formam a milícia dos Sem-Deus! «O Arado» começa agora, em forma humilde, porque não tem possibilidades de começar melhor. E, contudo, se houvesse no campo católico verdadeira compreensão das coisas, o jornal dos camponeses católicos deveria ser um colosso. Por outro lado, a J. A. C. ensina humildemente os seus passos. Promete avançar, reunir muita gente. Mas com que disposição? No sacrificio? No sacrificio pessoal? No sacrificio monetário? «Alerta, camponeses! Os nossos inimigos, os Sem-Deus, prometem lançar para breve um jornal satânico, sustentado pelos operários das vilas. Sustentado com o sacrificio monetário dos operários comunistas. Eles têm dinheiro para o seu movimento clandestino, revolucionário. Eles sacrificam-se pelos seus ideais de ódio e de morte. Nós iremos protestar contra a cota de \$50 mensais, iremos protestar contra a distribuição das cotas pelos organismos superiores, iremos pedir absolvição da nossa cota... por não a podermos pagar! Se a nossa mentalidade é esta, se não estamos dispostos a lutar e a sacrificarmos-nos até onde for preciso pelo triunfo da nossa organização, então mal nos vai! Jacistas! Alerta! Unamo-nos todos, pela vitória de Cristo nos campos e pela vitória da justiça. Mas unamo-nos dispostos ao sacrificio. Se não nos resolve-

Santifiquemos os trabalhos do campo

O trabalho do campo é sem dúvida um dos mais honrados e aquele que melhor serve para a nossa santificação. O agricultor tem a honra de cooperar na grande obra do Criador — a Natureza. Portanto nós, rapazes da J. A. C., não devemos considerar vil o nosso mistério, mas sim orgulhar-nos da nossa profissão. E não pensemos que por darmos desde manhã até à noite agarrados à enxada, estamos impossibilitados de fazer Acção Católica. Não! Eu sei por experiência própria que nós podemos e devemos fazer muito bem as almas. Ora uma das coisas que nós temos de fazer a peito é a santificação do trabalho. Mas o trabalho não pode ser santificado quando nele se dizem palavrões, mentiras e blasfémias. Infelizmente nos trabalhos do campo é muito frequente ouvir-se conversas inconvenientes e até altamente pecaminosas. E não é raro encontrarem-se nos ranchos rapazes católicos praticantes e militantes. Estes, se muitas vezes não podem evitar certas conversações, podem pelo menos desviar a conversa para assuntos inofensivos e até morais. Com um pouco de boa vontade todos podem impor-se aos inferiores, aconselhar os iguais e pedir aos superiores que trêfrem a sua linguagem. Nunca devemos com o nosso riso aprovar os ditos desonestos. Então a nossa attitude torna-se-lhe imperdoável e caria coragem aos delinquentes. Mostrando firmemente o nosso desagrado, eles envergonhar-se-ão da sua liberdade de linguagem, porque geralmente procedem assim para se tornarem engraçados. Se nós, Jacistas, procurarmos banir dos trabalhos alegres e saos dos nossos campos, as conversas inúteis e licenciosas, e em vez destas promovermos conversas edificantes e úteis, teremos dado um grande passo para a reabilitação do nosso querido Portugal. Terras da Gândara, Natal de 1935. Manuel do Arado

Na Seara do Senhor

Jovens da minha idade, jovens do campo, assim como «O Arado» nos pede para o ajudarmos, sejamos prontos a pegar-lhe nas rabicças. Também podemos jungir-nos. Como? Nalgum juço? Oh, não! Jungir-nos uns aos outros, punhando para a frente, empurrando por detrás, pegando nas rabicças. Todos juntos, podemos espalhar a Caridade e o Bem. Mas como, se somos filhos de família, sem rendas próprias? Bem podemos, se muito bem quizermos. Numa Conferência de S. Vicente de Paulo, podemos fazer o bem, angariando sócios e donativos, visitando os enfermos, dando-lhes bons conselhos, ensinando-os a sofrer resignadamente. Assim o nosso trabalho será fecundo. Fundemos já uma associação de Juventude Agrícola Católica. Há lá melhor Caridade de que unir-nos todos para a salvação da nossa classe? Bem podemos, se muito bem quizermos. Numa Conferência de S. Vicente de Paulo, podemos fazer o bem, angariando sócios e donativos, visitando os enfermos, dando-lhes bons conselhos, ensinando-os a sofrer resignadamente. Assim o nosso trabalho será fecundo. Fundemos já uma associação de Juventude Agrícola Católica. Há lá melhor Caridade de que unir-nos todos para a salvação da nossa classe? Bem podemos, se muito bem quizermos. Numa Conferência de S. Vicente de Paulo, podemos fazer o bem, angariando sócios e donativos, visitando os enfermos, dando-lhes bons conselhos, ensinando-os a sofrer resignadamente. Assim o nosso trabalho será fecundo.

Orgão mensal da J. A. C.